

AGRICULTURA CAMPONESA NO MUNICÍPIO DO DIVINO:

Territórios em Conflito, Redes em formação, Paisagens diversificadas

Leonardo de Oliveira Carneiro¹
Thiago Martins Lopes dos Reis²

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas tendências e desafios da agricultura camponesa na Zona da Mata mineira (ZM), particularmente no município do Divino, tendo como pontos de partida (e de chegada) as experiências, a composição e os processos territoriais existentes. Não obstante, pretendemos refletir sobre algumas questões referentes à expansão da agroecologia e do debate sobre soberania alimentar na região. Para atingir tais objetivos, incidiremos sobre o estudo de processos territoriais, da formação das redes de trocas agroecológicas e da análise das paisagens de produção agrícola-camponesa no município.

Os estudos revelados neste artigo são produtos de um projeto de iniciação científica da UFJF (2016-2017), mas que se iniciaram muito antes deste. As vivências e as interações que possibilitaram as reflexões ora presentes surgiram desde a formação do NEA-Ewè (Núcleo de Estudos Agroecológicos da UFJF) e da sua integração ao NEA da UFV e com o CTA-ZM (Núcleo de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira), sobretudo na execução do projeto de extensão “Da diversidade cultural à diversidade produtiva: a construção dos saberes para a transição agroecológica” (2011-2015), no município do Divino, junto ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar do Divino e à Associação Dom Divino. Para a reflexão dos processos territoriais, levaremos em consideração a expansão da economia do café e do eucalipto no município e suas consequências sobre o campo. Ainda, consideraremos o conjunto de políticas públicas (federais e estaduais) como o PRONAF, o PNAE e o PAA como estratégias de cooptação e de resistência dos camponeses aos modos de produção via agronegócio. Tais políticas têm atuado para transformar a vida dos sujeitos agricultores e de suas associações, enfraquecendo ou fortalecendo suas articulações, dependendo da forma como são implantadas. Neste sentido, o município do Divino revela tanto um território em conflito que demonstra embates entre modos de vida, de produção e de relação sociedade-natureza, quanto um território de crescente resistência da agricultura camponesa, que se explica, em parte, pela formação das redes agroecológicas no local. As entrevistas (e as “andanças”) realizadas com o Sindicato e com a Associação Dom Divino nos possibilitam enxergar

¹ Professor Adjunto da UFJF, e-mail:leo.ufjf@gmail.com.

² Estudante do Curso de Graduação em Geografia na UFJF, bolsista de Iniciação Científica, e-mail: thiagom.lopes@hotmail.com.

os contraditórios e conflituosos processos no território, assim como as estratégias de resistência camponesa.

O estudo sobre a formação das redes agroecológicas recairá sobre as estratégias de integração das famílias agricultoras da Zona da Mata mineira, através de suas associações e sindicatos, com as Instituições de Ensino Superior (IES) , com as EFAs e com as agências de ATER atuantes no território . A formação desta rede, que incide especificamente sobre o município do Divino, tem fortalecido as estratégias de resistência das famílias camponesas em suas propriedades ou comunidades, de produção diversificada, de comercialização em feiras ou via compras institucionais (sobretudo PNAE) através dos sujeitos coletivos (associações) e do fortalecimento de uma cultura do campo local. A observação participante realizada durante os seis anos de articulação junto ao movimento agroecológico, aliada a uma revisão bibliográfica, nos permite compreender o processo de formação dessa rede.

Este processo de resistências também pode ser observado na composição (e na contraposição) das paisagens locais, ao passo em que os diferentes modos de produção, monoculturas de café e de eucalipto de um lado e plantio diversificado da agricultura camponesa do outro lado, produzem diferentes paisagens. A relação entre essas paisagens e a questão soberania alimentar dos sujeitos do campo são notáveis e dignos de atenção. Para a realização dessa reflexão, recorreremos ao trabalho de campo em duas propriedades, com o levantamento das histórias de vida das famílias, seguidas de entrevistas, confecção de croqui das unidades e análise das paisagens junto aos agricultores através da “caminhada dirigida”.

Contextualizando

Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), há 2.030 propriedades rurais no município de Divino (MG) que ocupam uma área total cadastrada de 33.817,13 hectares. A maior concentração de propriedades têm áreas que variam entre 2 hectares e 5 hectares, correspondendo a 29,8% do total de propriedades (605 estabelecimentos rurais), total equivalente aproximadamente 5% da área dos imóveis rurais município (1976,64ha). Contrapartida 24% da área total do município, pertencente à propriedades rurais estão concentradas em apenas 234 imóveis rurais (11% do total de estabelecimentos rurais), esses imóveis ocupam terras com áreas entre 25 e 50 hectares.

Não obstante, também aparecem 132 propriedades rurais no município de Divino (MG) que abrigam imóveis rurais que compreendem de 50 a 500 hectares, abrangendo uma área total cadastrada de 12.038,08ha (INCRA, 2017). O domínio morfoclimático da Zona da Mata mineira é de “mares de morro florestados”, com cobertura vegetal original de Mata Atlântica, hoje majoritariamente descobertos devido ao desmatamento e sobreposição de cultivos e pastagens. O município do Divino

encontra-se em uma área de elevações serranas de relevo acidentado intercalados com mares de morro e vales encaixados do rio Carangola, estando situado entre as serras do Caparaó e do Brigadeiro em altitudes que variam de 500 a 1.500 metros. A composição desse relevo sugere dificuldades à expansão do agronegócio, sobretudo se relacionado aos crescentes movimentos dos trabalhadores rurais na garantia dos direitos trabalhistas junto à agricultura patronal. Há uma difícil mecanização dos plantios devido à topografia e os fazendeiros se queixam do encarecimento da mão-de-obra. Ou seja, a manutenção das médias e grandes propriedades tem sido dificultosa e a agricultura camponesa – que utiliza trabalho familiar e solidário (mutirões e troca-dias) em pequenas propriedades – tem se afirmado como a forma possível para a promoção da produção agrícola local, desarticulando-se dos monocultivos e rumando à produção diversificada, ao beneficiamento e à comercialização de gêneros alimentícios. Não obstante, esse contexto também tem levado médios e grandes proprietários de terra a investirem na substituição das lavouras de café ou da criação de gado leiteiro pelo plantio de eucaliptos, que requer menor emprego de mão-de-obra e que tem tido boa adaptação às condições edafoclimáticas locais.

Considerações iniciais

Percebemos, pois, a partir desse estudo, que o município do Divino pode revelar um potencial da produção camponesa e agroecológica na região da Zona da Mata mineira. Ainda que nem todas as condicionantes históricas, geomorfológicas, sociais e econômicas ocorram da mesma forma em toda a Zona da Mata, este estudo de caso nos permite enxergar uma forma de ocupação, de vida, de produção e de relação sociedade-natureza que pode ser refletido para o contexto regional. Seria a Zona da Mata uma região de potencial de produção agroecológica e promotora de soberania alimentar para a sua população? O que nossos estudos demonstram é que o exemplo da produção camponesa no Divino pode indicar caminhos que levem a sociedade regional a buscar estratégias rumo à justiça social e ambiental e que a soberania alimentar surge como consequência do processo de fortalecimento dessa forma de intervenção no território e dessa rede agroecológica e da (trans)formação dessas paisagens. Mas como sugere Augustin Berque (2004, p. 84), a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

Deste modo, pensamos que estas paisagens possam estar sendo a marca, mas podem também estar sendo uma matriz de novas culturas, de novas racionalidades e de novas (velhas) formas de intervenção no território, que, por final, podem perfilar ou salvaguardar uma sociedade silenciosamente revolucionária.

Referências



BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca e Paisagem Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobat (org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.

INCRA. Sistema Nacional de Cadastro Rural - SNCR. (dados fornecidos através de comunicação digital – e-mail). 2017.